

O DESAFIO DO PROFESSOR FRENTE AO ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE - TDAH

(THE TEACHER'S CHALLENGE IN FRONT OF THE STUDENT WITH ATTENTION DEFICIT AND HYPERACTIVITY DISORDER)

Lidivania Brito Silva¹

Maria Rita Ferreira Lima Sales Marques²

Lucicleide de Souza Barcelar³

RESUMO

O presente trabalho tem como temática o desafio do professor frente ao aluno com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública municipal de Fortaleza com duas professoras do ensino fundamental I, a fim de analisar os desafios que se apresentam ao professor em sala de aula na interação com os alunos portadores de TDAH. Buscamos atender aos objetivos pontuados para que alcançássemos um resultado mais verdadeiro possível. Dentro da dinâmica da escola de ensino regular, procuramos entender as dificuldades desses professores e como eles trabalham para superá-las. Seguimos o processo metodológico de pesquisa bibliográfica e de campo, numa perspectiva exploratória. De acordo com os resultados, foi possível conhecer diversos desafios enfrentados pelo professor. Conclui-se com este trabalho, que os professores não têm a formação adequada para atender as crianças com TDAH e encontram-se sobrecarregados.

Palavras-chaves: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Professor. Crianças. Escola.

ABSTRACT

The present work has as its theme the challenge of the teacher facing the student with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). The research was carried out in a municipal public school in Fortaleza with two elementary school teachers, in order to analyze the challenges that teachers face in the classroom when interaction with students with ADHD. We seek to meet the goals scored so that we can achieve the most true possible result. Within the dynamics of the regular school, we seek to understand the difficulties of these teachers and how they work to overcome them. We follow the methodological process of bibliographical and field research, in an exploratory perspective. According to the results, it was possible to know several challenges faced by the teacher. It is concluded with this work, that teachers do not have adequate training to assist children with ADHD and are overloaded.

Keywords: Attention Deficit Hyperactivity Disorder. Teacher. Children. School

¹ Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: lidivania.britto@gmail.com

² Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: mariaritafl@yahoo.com.br

³ Professora do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: lucicleide.barcelar@professor.uniateneu.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O mundo vem evoluindo rapidamente, enquanto a educação tenta se reinventar para tornar atrativo o tempo que os alunos passam dentro da escola. O professor, na primeira infância, é uma das pessoas que têm mais contato com as crianças. Muitas vezes elas passam mais tempo na escola do que mesmo em casa com os pais. Esse contato intenso permite a ele observar o comportamento e o desenvolvimento dos estudantes.

Ao mesmo tempo que o mundo evolui, as escolas, que eram demasiadamente rígidas e “conseguiram” conter os comportamentos inadequados, mantendo a disciplina dos alunos dentro de sala, tiveram que evoluir a forma do trabalho pedagógico.

Hoje, com essa evolução no processo educativo das crianças, iniciado pelas mudanças ocorridas dentro das famílias, o que mais vemos é o aumento da quantidade de crianças sendo avaliadas por médicos de diversas especialidades, psicólogos e pedagogos. Todos tentando encontrar justificativas para os comportamentos considerados fora do padrão.

Isso fica ainda mais evidente quando olhamos para os resultados de inúmeras pesquisas científicas que comprovam o aumento de alunos com transtornos mentais ou de comportamento logo na primeira infância. Percebe-se também uma certa tendência na busca de laudos para as crianças mais agitadas, desatentas e desobedientes. O professor, que na maioria das vezes não teve uma formação específica e adequada, torna-se um agente fundamental nesse processo.

No dia a dia da rotina escolar é que se observa tais comportamentos. Através de atividades pedagógicas dirigidas, o professor pode evidenciar quaisquer diferenças, mudanças ou ausência de comportamentos, e assim dar início ao processo de investigação junto a outros profissionais responsáveis.

Nota-se então como o docente tem papel indispensável nesse processo, mais ainda, que ele precisa estar apto a perceber esses alunos, sabendo recebê-los e guiá-los durante esse período juntos. Esse parece ser o grande desafio durante o processo de Ensino aprendizagem e que foi nos despertando para tratarmos desse assunto: o professor estar preparado para trabalhar com crianças portadoras de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), bem como a importância da sua formação nesse processo e qual o caminho e as estratégias que ele poderia usar com esses alunos.

De acordo com nossas observações referente ao assunto, decidimos estudar esse material no campo das escolas públicas, pois sabemos que é onde não há muito apoio, até mesmo por muitos alunos não se encaixarem no quadro de atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado - AEE.

Essa é a realidade vivida nas escolas públicas, onde muitas vezes os profissionais da educação se deparam com situações desafiadoras, precisando contorná-las, e muitas vezes, sozinhos. Conversando com alguns desses profissionais e com o contato que temos com a educação de ensino regular, nos questionamos: quais os principais desafios do professor frente ao aluno com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade - TDAH?

Assim, temos como objetivo geral compreender os desafios do professor frente ao aluno com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH. Por sua vez, os objetivos específicos são: averiguar a formação desse professor relacionado ao TDAH, além de identificar as estratégias usadas pelos professores em sala de aula para a inclusão dessas crianças.

Para melhor compreensão do trabalho, destaca-se as seguintes partes: a primeira trata das teorias, onde trabalhamos conceitos fundamentais para compreensão do fenômeno investigado. Já a segunda parte, refere-se aos aspectos empíricos: metodologia, análise da informação e conclusões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte do estudo apresentamos algumas abordagens teóricas sobre o TDAH. A fundamentação teórica destaca autores que compartilham estudos acerca dos conceitos sobre o que é o TDAH, a importância do professor em sala de aula com alunos portadores deste transtorno e as estratégias usadas pelo professor em sala de aula.

2.1 O que é Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH?

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH é um dos temas de maior relevância no campo educacional e da saúde nos dias de hoje. Tratar essa questão no sentido de

compreendê-la com maior precisão é de fundamental importância para um atendimento de qualidade aos estudantes diagnosticados com a doença dentro da escola.

A princípio, compreender do que se trata esse problema é o primeiro passo para um bom acompanhamento especializado. Segundo Domenico (2019), o TDAH é um Transtorno do Neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade.

Teixeira (2014) afirma que o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade é uma condição comportamental de grande evidência na infância e na adolescência. Pesquisas internacionais revelam que o TDAH está presente em torno de 5 a 10% da população em idade escolar.

Na maioria dos casos, essas pessoas também são inquietas (não permanecem paradas, sossegadas por muito tempo, e detestam atividades monótonas e repetitivas), além de serem impulsivas no seu dia-a-dia, completa. (MATTOS, 2001).

Esse transtorno é percebido, geralmente, no período escolar, ainda pequenos, que é quando as crianças dão os primeiros indícios. Algumas atitudes consideradas “normais” para as demais crianças parecem ter bastante dificuldade aos portadores de TDAH, como apenas prestar atenção ao que o professor está dizendo na hora da aula, não se levantar, nem fazer bagunça e não atrapalhar os outros colegas.

É difícil aos pais aceitarem essa condição de um filho, afinal, são muitas expectativas colocadas a cada vida que chega em nossas famílias. Então, é preciso encarar essa condição e procurar ajuda, primeiramente para um diagnóstico preciso. Sendo assim, “a escola passa a solicitar a presença e o aval de neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos para solucionar questões escolares, que são, em primeiro plano, de ordem pedagógica”. (BONADIO; MORI, 2013, p.181)

A participação da escola é fator primordial, junto com outros profissionais da área médica e da psicologia, além do acompanhamento dentro de casa com os pais, algumas vezes sendo necessário o uso de medicação.

Há também alguns fatores que podem atrapalhar o diagnóstico de TDAH, gerando problemas de interpretação, como o comportamento de algumas crianças, que pode ser confundido com outras doenças ou até mesmo ligados a questões de falta de educação, má criação ou indisciplina.

Dentre os sintomas encontrados nesses alunos pelo professor em sala de aula estão: desatenção, problemas para organizar tarefas e atividades, muitas vezes perda de seus objetos como lápis, livro, óculos. Distrai-se facilmente, tornando difícil a compreensão do conteúdo abordado. Quando esses acontecimentos vão ficando mais fortes e repetitivos, sem nenhum motivo aparente, os responsáveis devem ser alertados pontualmente e se for o caso levar à coordenação.

Ao conversar com os pais a respeito das dificuldades de seu filho, o professor deve tomar muito cuidado para não assustá-los e não se precipitar dando diagnósticos, pois estes só podem ser feitos por especialistas e após uma análise criteriosa de diversos elementos (PEREIRA, 2015).

Desejar tratar o TDAH é querer que seu filho compense deficiências (todo mundo consegue prestar atenção e ficar sentado, concentrado, menos ele) e fique em “pé de igualdade” com os demais. É querer que ele possa se desenvolver como os outros (MATTOS, 2001).

Por outro lado, a hiperatividade e impulsividade também é um dos desafios vividos pelos alunos com esse transtorno, tornando-os, por muitas vezes, incapazes de jogar ou participar de atividades de lazer silenciosamente, pois além de falar excessivamente em um diálogo, explora e processa uma resposta antes de uma pergunta ter sido concluída, por conta disso, tem dificuldade em aguardar a sua vez de falar.

Dessa forma, os profissionais da educação necessitam ser respaldados na sua ação pedagógica, no sentido de fortalecimento teórico-metodológico do ato de ensinar, buscando novas práticas pedagógicas que contribuam para a formação qualitativa dos estudantes, dentro e fora da sala de aula.

2.2 A importância do professor com alunos com TDAH: formação e atuação

Percebe-se no decorrer desta apresentação, que a nossa perspectiva está sobre o olhar do professor, ou melhor, no seu desempenho diante de suas aulas e de seus alunos. Como está esse professor para receber seus alunos? Como ele se preparou para sua jornada? O professor e seus saberes diante da prática.

Para Tardif (2002), a questão do saber dos professores não pode ser separada das outras dimensões do ensino, nem do estudo do trabalho realizado diariamente pelos professores de profissão.

Parece simples falar sobre formação docente, da preparação e dos estudos, porém quando se fala dos saberes de cada professor, vemos um longo caminho percorrido. Segundo Perrenoud et al. (1998, p.44) “o praticante, sem dúvida, evolui e forma-se através de encontros com outros (colegas, formadores, superiores hierárquicos), mas principalmente sob o efeito da experiência com a classe e de si mesmo em situação em sala de aula.”

O saber do professor vem antes de tudo de sua origem familiar, sua “criação”, o tipo de escola que estudou, os professores que conheceu enquanto aluno, na sua formação superior e na formação continuada, a relação dele dentro da escola, em sala de aula. É um saber experienciado, vivido no dia a dia, nas relações, na socialização que acontece nesse trabalho, “a formação passa pela experiência, pelo ensaio do novo, passa por processos de investigação, diretamente articulados às práticas educativas”. (ROZEK; VIEGAS, 2012, p.16). Esse conjunto de processos vivido por cada um molda o profissional em sua atuação.

Apesar da criança portadora de TDAH apresentar os sintomas no ambiente familiar, é a partir da entrada da criança na escola que se observa com mais precisão indícios do problema.

Almeida e Santos (2013) apontam que o docente deve buscar sempre a melhoria do processo de ensino, tendo como princípio que toda criança deve ter a oportunidade de aprender e interagir com os demais, independentemente de sua dificuldade e diferença.

O papel da escola é fundamental para o desenvolvimento geral da criança, incluindo o desenvolvimento social e de linguagem, principalmente para as que são portadoras de TDAH e o professor tem papel essencial no acompanhamento e encaminhamento da criança que apresenta sinais de TDAH, a ele cabe a tarefa de proporcionar a todos a oportunidade de produzir seu próprio conhecimento, sem deixar ninguém para trás. (PEREIRA, 2015).

Diante do processo de inclusão desses alunos em sua sala de aula, o professor deve, primeiramente, se informar bastante sobre as características do transtorno, procurar outros profissionais que conheçam o assunto para que ele possa dar o devido suporte que esse aluno necessita.

Sabe-se que não é fácil trabalhar com uma classe cheia e ainda com alunos que precisam de atenção especial, até porque, não existe um profissional extra para atender aos alunos com esse tipo de transtorno. O professor tem que dar aula a classe inteira e ao mesmo tempo encontrar atividades,

metodologias e maneiras para fazer com que o aluno com TDAH se mantenha interessado, concentrado, fazendo a tarefa sem atrapalhar o desenvolver da aula.

“O estudante com TDAH, assim como todos os outros estudantes, possuem seu próprio tempo de aprendizagem; porém, em sua maioria, os estudantes com TDAH precisam de um tempo maior para internalizar o que foi ensinado.” (CONFORTIN; MAIA, 2015, p.79). Complementando a observação destes autores, entendemos muitas vezes que esses alunos ficam estigmatizados como o aluno lento, preguiçoso ou o que está sempre atrasado, e isso causa um prejuízo psicológico grande, fazendo com eles se sintam sempre incapazes de concluir as atividades junto aos colegas.

Algumas alternativas podem ser implementadas em sala para trabalhar com esses alunos, inicialmente no planejamento, tentando evitar aulas repetitivas, atividades específicas que ele possa resolver com mais segurança, sempre elogiar quando o comportamento for bom, e o principal e mais difícil é ter muita paciência.

Por isso, faz-se necessário que o professor esteja preparado para acompanhar os alunos com essas dificuldades de aprendizagem juntamente com a escola. Segundo Baptista *et al.* (2018, p.176) “O bom desempenho escolar das crianças com TDAH depende, cada vez mais, de práticas pedagógicas inovadoras que atendam às exigências do ambiente escolar, para que esse indivíduo não seja prejudicado”. A escola deve procurar compreender as dificuldades do transtorno e buscar as estratégias que deverá utilizar em sala para que esse aluno consiga acompanhar o restante da turma.

Lidar diretamente com alunos com TDAH é um cuidado que a escola e o professor precisam ter, estando sempre atentos às dificuldades e as necessidades vividas por esses pequenos indivíduos em formação, para que não tenham grandes prejuízos na aprendizagem.

2.3 Estratégias usadas pelo professor em sala de aula

O professor deve se manter sempre observador, esse é um fator primordial, especialmente quando em sua turma estiver algum aluno com TDAH. Perceber os pontos de desestabilidade, de desconcentração ou desinteresse durante o prosseguimento das aulas poderá ajudá-los a compensar o impacto do transtorno.

Trabalhar com as diferenças na sala de aula comum implica uma reorganização do fazer pedagógico no sentido de criar oportunidades de aprendizagem de acordo com as necessidades de cada um (ZANIOLO; DALL' ACQUA, 2013).

Procurar apresentar diversas possibilidades para que o próprio aluno consiga alcançar os objetivos determinados pelo professor é uma das estratégias, claro que respeitando seus limites. Diante do que é possível ser feito em sala de aula, intervenções pedagógicas direcionadas seria ideal para que ele encontre um meio de acompanhar a turma sem grandes perdas de conteúdo.

Nesse momento, o planejamento da aula se faz muito importante. Procurar sempre adaptar as atividades ao aluno, sem deixar transparecer a ele qualquer diferença aos demais. “O bom desempenho escolar das crianças com TDAH depende, cada vez mais, de práticas pedagógicas inovadoras que atendam às exigências do ambiente escolar, para que esse indivíduo não seja prejudicado.” (BAPTISTA *et al*, 2018, p.176).

O professor deverá organizar suas aulas tentando equilibrar as necessidades das crianças com a atenção requisitada pelos alunos portadores TDAH e as demais crianças da sala. Para Baptista (2018), os professores podem e devem adaptar as estratégias de acordo com a sua realidade, elas podem ser utilizadas na tentativa de minimizar qualquer problema de concentração, dispersão ou agitação, uma delas e com melhores resultados incluem o controle de estímulo, fazer com que ela se mantenha sempre conectada na atividade.

Os alunos que apresentam os sintomas do TDAH devem preferencialmente sentar-se nas primeiras carteiras da sala, nunca perto da porta ou da janela, para evitar que se distraiam. As atividades se possível não devem ser longas, para que não ultrapassem o tempo de concentração dos alunos. É importante procurar diversificar o método de ensino, deixando uma aula diferente da outra, a fim de motivar os alunos. (PEREIRA, 2015, p.14).

Não é uma tarefa fácil ministrar aulas para turmas lotadas, ter dentro dessas turmas alunos com algum tipo de transtorno, dar conta de todas essas crianças, tendo que assumir um papel tão importante e de tamanha responsabilidade que é o de educar. Fazer com que esses alunos com TDAH tenham um aprendizado adequado à sua realidade é um esforço admirável.

São longas cargas horárias, planos de aula para elaborar, salas cheias, muitas atividades a serem pensadas, professores cansados e pouco valorizados, além dos problemas de infraestrutura, falta de material escolar, evasão, violência etc.

Muitas escolas não estão preparadas para receber alunos com necessidades especiais e esses alunos, já tão frágeis, se perdem no meio dessa problemática.

O despreparo docente leva ao fracasso escolar de ambas as partes e, em sua maioria, causa danos emocionais, cognitivos e sociais, pois, se houver uma má compreensão de determinada situação com o estudante com TDAH, ele poderá ficar mais agitado, inquieto e irritado, o que prejudica a comunicação entre professor – estudante - colegas. (CONFORTIN; MAIA, 2015, p. 80).

Em meio a tantas dificuldades, fica o questionamento de como se reinventar na busca por formação e informação a respeito do trabalho com crianças portadoras de TDAH na tentativa de ajudá-las.

Neste sentido, desde o Projeto Inclusão Sustentável (PROIS), uma parceria entre profissionais da UPIA da Universidade Federal de São Paulo e do Ambulatório de TDAH - Unidade Bahia, apresentam-se algumas estratégias para o manejo de crianças com TDAH no dia-a-dia da escola. Essas estratégias fazem parte de um programa de treinamento de manejo comportamental para professores e outros profissionais da área de educação.

Quadro 1 – Estratégias para o manejo de crianças com TDAH

Recebendo e acolhendo o aluno	Identifique quais os talentos que seu aluno possui. Estimule, aprove, encoraje e ajude no desenvolvimento deste. Elogie sempre que possível e minimize ao máximo evidenciar os fracassos.
Organizando o espaço – Monitorando o Processo	Quanto mais próximo de você e mais distante de estímulos distratores, maior benefício ele poderá alcançar. Estabeleça combinados. Estes precisam ser claros e diretos. Lembre-se que ele se tornará mais seguro se souber o que se espera dele. Deixe claras as regras e os limites. Seja seguro e firme na aplicação das punições.
Procedimentos facilitadores	Estabeleça contato visual sempre que possível, isto possibilitará uma maior sustentação da atenção. Faça uma programação diária e tente cumpri-la. Coloque-a no quadro e em caso de mudanças ou situações que fogem a rotina, comunique o mais previamente. Adote um sistema de pontuação. Incentivos e recompensas, em geral, alcançam bons resultado.
Realizando tarefas, testes e provas	Evite atividades longas, subdividindo-as em tarefas menores. As instruções devem ser simples. A agenda pode contribuir na organização do aluno e na comunicação entre escola e família.

	Estimule o aluno destacar e sublinhar as informações importantes contidas nos textos e enunciado. Mescle tarefas com maior e menor grau de exigência.
Contato com a família, deveres e trabalhos em casa	Mantenha constante contato com a família. Tente utilizar as informações fornecidas por ela com o objetivo de compreender o seu aluno melhor. Procure nesses encontros enfatizar os ganhos e não apenas pontuar as dificuldades e evite chamá-los apenas quando há problemas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), adaptado da Cartilha da ABDA (2017).

Além de todas essas estratégias, a participação da família contribui para que o professor possa conhecer melhor o aluno, possibilitando a troca de informações sobre o comportamento e desenvolvimento da criança em outras situações, como na dinâmica dela em casa e em outros lugares.

O professor que age cuidando de seus alunos com atenção, com certeza terá melhores resultados que outro que tenha técnicas mais bem desenvolvidas, mas que não trabalhe a sensibilidade.

Por isso, a importância de o professor estar em constante renovação, se reinventando, buscando o novo, resgatando o amor e o prazer por essa profissão tão admirável.

3. METODOLOGIA

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados correspondentes a todo conjunto de tomada de decisões e ações das técnicas de pesquisa e método para o desenvolvimento do trabalho desenvolvido.

3.1 Tipo da pesquisa

Para a realização da pesquisa em questão foi utilizado metodologia com enfoque qualitativo, com a finalidade de discutir a realidade observada e buscar dar significados às relações entre os fenômenos. Esse tipo de pesquisa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MINAYO, 2002, p. 21).

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória, na qual buscamos informações a respeito da problemática, apresentando de maneira objetiva todos os assuntos que foram levantados. Para Gil (2002), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

Na fundamentação teórica, nos apoiamos em diversos autores que pesquisaram a temática aqui investigada. Assim, destacamos que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2008, p.50).

Para um melhor recrutamento de elementos e informações, o nosso trabalho conta com uma pesquisa de campo que conforme Minayo (2002), essa etapa combina entrevistas, levantamento de material documental, bibliográfico, institucional etc. Visitamos uma escola pública de Fortaleza, na qual tivemos como sujeitos da pesquisa duas professoras do ensino fundamental I. A coleta de dados, para Severino (2017), é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem.

Aqui, são trabalhadas as dificuldades encontradas através de pesquisa de campo constituída de duas etapas: o PPP da escola e entrevistas com as professoras. Junto a esses dois momentos será feito diário de campo, a fim de organizar as informações coletadas em cada visita a respeito da escola, professores e alunos, tentando compreender o desempenho das crianças com TDAH e objetivando descobrir as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras, atuantes na aprendizagem dos mesmos.

3.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Professora Maria do Socorro Ferreira Virino, da rede pública da cidade de Fortaleza, localizada na comunidade do Conjunto Palmeiras, na Grande Messejana. A escola atende apenas ao ensino fundamental I, possuindo 20 turmas sendo composta por 4 turmas do 1º ano (2 pela manhã e 2 à tarde), 4 turmas de 2º ano (2 manhã e 2 à tarde), 3 turmas de 3º ano (2 manhã e 1 à tarde), 3 turmas de 4º ano (1 manhã e 2 à tarde) e 6 turmas de 5º ano (3 manhã e 3 à tarde), com um total de 540 alunos. O quadro docente é formado por 25 professores, contando ainda com 2 coordenadores e 1 diretora.

A estrutura da escola é pequena, possuindo apenas um pátio para a recreação dos alunos. Não há nenhuma prática esportiva devido à falta de espaço adequado (quadras de esporte).

A escola possui duas pessoas responsáveis pelo AEE, uma psicopedagoga e uma monitora que se divide entre vários alunos em sala de aula, no pátio e na sala de atendimento especializado, dando suporte a mais de cinquenta alunos com diversos tipos de deficiência. Devido a essa demanda, torna-se inviável o trabalho com alunos portadores de TDAH, ficando sobre a responsabilidade das professoras esse acompanhamento. O acompanhamento é feito durante o horário da aula.

Nesse ano de 2020, a diretora da escola fez algumas reformas, aumentando a quantidade de turmas do primeiro e segundo ano. A escola é referência na comunidade, pois sempre alcança as médias desejadas pelos programas de avaliações do Governo, por isso, é bastante procurada pelos pais.

3.3 Participantes

Os encontros foram na escola citada, com duas professoras do segundo ano do ensino fundamental I, pela manhã. A escola só possui duas turmas nesse período. As duas professoras entrevistadas são informantes intencionais, haja vista que elas têm alunos portadores de TDAH e podem oferecer informações precisas sobre o assunto investigado.

3.4 Coleta e análise de dados

Foi utilizado como instrumental o Projeto político pedagógico - PPP da escola, onde foram analisados os conteúdos do documento que tem como objetivo orientar as práticas educacionais durante todo o ano letivo, levando em consideração o contexto em que a escola está inserida e os fatores específicos da comunidade escolar.

Outra ferramenta utilizada para nossa coleta de dados foi a entrevista, que tem como foco a coleta de informações pertinentes para a construção de uma pesquisa, bem como a abordagem do entrevistador em relação aos temas pertinentes, com vista a este objetivo.” (MINAYO, 2013, p. 64).

Para Gil (2010), a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Na entrevista realizada fizemos oito perguntas para as professoras, buscando através das respostas compreender a realidade desses alunos, saber os desafios enfrentados por essas professoras, quais estratégias estão sendo utilizadas e se elas recebem algum apoio institucional.

3.5 – Aspectos éticos

O trabalho considera os aspectos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo explicado os objetivos do estudo, os riscos e os benefícios. A participação foi voluntária e não remunerada, com preservação da identidade dos participantes da pesquisa. Para tanto, foi solicitado ao responsável da instituição onde o estudo aconteceu a assinatura do Termo de Anuência Institucional (TAI), contendo a autorização expressa do mesmo para a realização da pesquisa. Os documentos estão anexados no corpo do artigo.

Referente aos riscos desta pesquisa, percebe-se que são mínimos. Não houve nenhum procedimento invasivo à privacidade dos entrevistados. As entrevistas com as duas professoras, ocorreram através das redes sociais, devido ao isolamento social, assim como todos os contatos que tivemos. As entrevistadas puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidos.

4 ANÁLISE DA INFORMAÇÃO E RESULTADOS

De acordo com os objetivos traçados, apresentamos as estratégias adotadas para a coleta de dados, com as respectivas análises.

4.1 Projeto Político Pedagógico

De acordo com Libâneo (2001, p.125), o projeto pedagógico “deve ser compreendido como instrumento e processo de organização da escola”. Neste sentido, compreende-se que é um

instrumento de referência para nortear as ações da instituição. É um elemento fundamental para a organização das atividades práticas no ambiente educativo.

Conforme análise do PPP da Escola Professora Maria do Socorro Ferreira Virino foi possível verificar que não é apresentada uma proposta para os educandos com TDAH, inclusive não existem ações de sensibilização sobre o assunto.

Por sua vez, nas dependências da escola supracitada, funciona a sala de Atendimento educacional especializado – AEE, com apoio da psicopedagoga e auxiliar. Os profissionais oferecem o calendário letivo da Secretaria Municipal de Educação (SME). Esse documento é norteador para ações dos planejamentos mensais com base nos estudos de casos individuais dos educandos. O plano objetiva sistematizar as ações desenvolvidas no supracitado atendimento conforme as necessidades apresentadas das crianças especiais, mas que não contempla crianças com TDAH.

4.2 Entrevista

Conforme anteriormente mencionado, foi realizada entrevista semiestruturada com 8 perguntas subjetivas sobre o tema o desafio do professor frente ao aluno com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade - TDAH, com duas professoras que atuam no 2º ano do ensino fundamental no turno da manhã da escola escolhida. As duas professoras entrevistadas são graduadas em Pedagogia, possuem especialização e lecionam há bastante tempo na escola.

As perguntas permeiam o tema e questionam sobre as experiências e conhecimento vividos pelas professoras sobre como elas lidam com esse desafio de trabalhar em sala de aula com alunos com TDAH.

As entrevistas foram feitas através de contato nas redes sociais, *WhatsApp*, devido ao isolamento social, assim como todos os contatos que tivemos com as mesmas. Para manter o sigilo das identidades das professoras, as trataremos com o identificativo P1 e P2.

Iniciamos a entrevista questionando-as sobre os desafios do professor para lidar com crianças portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção – TDAH: Segundo a P1: “O maior desafio do professor é despertar e manter a atenção do aluno e o interesse pelas aulas”. Por sua vez, a P2

diz que: “Os desafios são inúmeros uma vez que o diagnóstico de TDAH se confunde bastante com outros transtornos”.

Conforme Mattos (2001), as pessoas que sofrem de TDAH são inquietas e detestam coisas monótonas e repetitivas. O que pode na rotina escolar ser um desafio para o professor que conduz a dinâmica em sala de aula. Pressuposto que coaduna com as falas das professoras.

A segunda pergunta da entrevista versa sobre as estratégias pedagógicas que as professoras utilizam em sala de aula com crianças portadoras do TDAH. As duas professoras apresentaram estratégias diferentes, mas que costumam dar resultados em suas aulas, como, a realização de atividades que despertem o interesse e a interação da criança nas aulas. “Por exemplo: atividades mais curtas e dinâmicas e solicitar sempre a participação do aluno durante a aula dando sua opinião”, diz a P1. Já a P2 aposta em outra estratégia, trazendo a criança o mais próximo dela para que elas consigam apreender a maior quantidade de informação possível, e completa “essa postura também tranquiliza as outras crianças uma vez que as crianças com TDAH desconcentram as outras crianças”, pois sabemos que a sala toda acaba sofrendo com a inquietude dos portadores de TDAH.

As estratégias devem ser criativas, claras e objetivas para que o aluno possa manter o seu foco e tenha total interesse pela aula, pois, um conteúdo bem elaborado e pensado na realidade dos alunos é executado com mais excelência (VIANA, 2017 p. 80).

O olhar atencioso do professor faz toda diferença com essas crianças, perceber cada aluno de maneira singular, o ritmo que cada um tem, suas limitações, suas habilidades, os pontos de desequilíbrios, entre tantas coisas que devem ser percebidas.

Dessa forma, perguntamos como as professoras atuavam frente a esses alunos com TDAH? Ambas concordaram que a melhor maneira de aproximar o olhar para eles era trazer o aluno para mais perto, sempre solicitando a participação deles nas atividades propostas, dando atribuições, tornando-os mais participativos nas atividades simples do cotidiano. “O meu olhar sobre essas crianças é muito carinhoso porque percebo que elas querem aprender, mas são “impedidas” pela sua condição”, ressalta a P2.

Para Freitas (2010), o professor tem condições de ajudar o aluno com TDAH por meio de algumas estratégias que ele pode utilizar para facilitar o cotidiano dessa criança na escola.

Esses profissionais, com sua devida importância, nem sempre estão preparados para lidar com tais desafios, não possuem ou não se interessam por algum tipo de formação em educação

inclusiva. No caso das duas professoras entrevistadas, a P1 respondeu que possui sim, formação em educação inclusiva, já a P2 disse não possuir, que sua prática é oriunda do empirismo, da experimentação.

[...] uma boa oportunidade para ressaltar a importância de trazer outras considerações a esta discussão sobre a formação do professor para a educação inclusiva, além da indispensável contribuição da abordagem sociointeracionista, que tenta combater as “receitas prontas” e levar o professor a construir o seu próprio conhecimento, incentivando a reflexão sobre a prática e não apenas a busca por informações sobre a deficiência. (SAMPAIO, 2009, p. 46).

Percebe-se, então, uma situação muito delicada, pois não existe nada que obrigue o professor a procurar um estudo voltado ao trabalho com alunos especiais, ao passo que cada vez mais cresce a quantidade de alunos com diversos tipos de transtornos nas salas de aula.

Visto isso, perguntamos às professoras se elas consideravam que a formação acadêmica atendia às demandas enfrentadas em sala de aula com os alunos de TDAH. Elas discordaram e colocaram pontos de vista diferentes sobre problemáticas diferentes. A P1 falou da falta de apoio ao professor em relação aos alunos com TDAH, dentro da sala de aula, na qual ela sente que fica muito limitada. Em paralelo, a P2 apontou um atraso por parte das universidades para a formação do pedagogo, e que esses transtornos e outras doenças são vistos de maneira muito sucinta, que seria necessário um maior aprofundamento, posto que, a cada ano que passa, mais e mais crianças chegam às escolas com mais demandas.

Diante da abordagem predominantemente trabalhada nos cursos de formação docente, é possível compreendermos as sucessivas críticas em relação à escolarização das pessoas com deficiência, já que tanto a escola quanto a universidade trabalham superficialmente, promovendo muitas vezes condições que limitam o acesso destas pessoas ao conhecimento. (DIAS; SILVA, 2020, p. 413).

Complementando tal problemática do professor trabalhar sozinho em sala de aula com alunos portadores de TDAH, perguntamos se recebiam algum apoio institucional para trabalhar. As duas professoras concordaram que recebem alguma ajuda, indiretamente. Algumas orientações, às vezes, da psicopedagoga da escola, dando ideias de atividades, dinâmicas e brincadeiras que possam ajudar na concentração das crianças. A P2 confirma o que dissemos anteriormente “as

crianças com o diagnóstico de TDAH não são contempladas com um horário específico na sala do AEE”.

“É imprescindível que os atores da escola tenham acesso a uma formação técnico-pedagógica que os prepare para lidar com diversidade nas salas de aula.” (SAMPAIO, 2009, p.47).

Sabemos da grande importância que tem esse apoio, tanto por parte do psicopedagogo da escola, como da própria coordenação e direção. Porém, as inúmeras dificuldades vivenciadas diariamente pelas escolas públicas não permitem que o professor conte com tais ajudas.

Então perguntamos a opinião das professoras sobre o fato das crianças com TDAH não estarem encaixados nesse grupo atendido pelo AEE. A P1 se mostrou bastante preocupada, “acho negligência uma vez que se faz necessário o atendimento dessas crianças e é importante para o desenvolvimento da aprendizagem dos mesmos”. Para a P2 “o diagnóstico de TDAH é bastante complexo”, e completa falando que os sintomas podem ser confundidos com “birra” das crianças. Às vezes as crianças só querem receber atenção de seus pais, porém como não são ouvidos por eles, acabam chamando atenção na escola pela agitação.

Para Guimarães e Mafra (2017), esse tipo de atendimento auxilia a diminuir as dificuldades encontradas nas escolas e pelos professores diante do desafio de ensinar a alunos com diferentes necessidades de aprendizagem.

Para finalizar a entrevista perguntamos às duas professoras o que elas faziam para enriquecer o seu conhecimento sobre TDAH e poder ter um melhor resultado no trabalho em sala de aula com esses alunos. As respostas seguiram linhas semelhantes. Elas procuram sempre estar atualizadas, lendo coisas e buscando orientação para melhor compreensão sobre o assunto, uma vez que é um transtorno cada vez mais presente na realidade escolar. A P2 ainda completa afirmando se preocupar em observar as crianças para uma avaliação diagnóstica no início do ano bem como uma avaliação contínua ao longo do ano letivo.

Através das respostas das professoras foi possível perceber a necessidade da formação contínua. Para Rozek e Viegas (2012, p. 19) é preciso pensar na formação continuada dos educadores, caso se queira mudanças significativas nas práticas de ensino.

5. CONCLUSÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) está sendo uma problemática encontrada no âmbito escolar, por isso, é necessário verificar a percepção de profissionais da educação que atuam no ensino infantil e no primeiro ciclo do ensino fundamental, por ser esta a idade recomendada pelos pesquisadores em que os sintomas começam a aparecer.

As escolas estão tendo um árduo trabalho para se adaptar a essa nova realidade, assim como a quantidade de alunos que chegam com diferentes tipos de transtornos, sem esquecer da organização que deve sempre incluir esse novo aprendiz nas práticas de sala de aula.

Faz-se necessário ressaltar a importância do conhecimento que os docentes devem ter sobre o que é TDAH. Se puder contar com a ajuda do psicólogo escolar ou de algum profissional especializado para trabalhar esse assunto, procurando o máximo de informações para poder ajudar seu aluno, por meio de estratégias que facilitam o bom rendimento da criança na escola.

De acordo com os objetivos inicialmente traçados, conclui-se que: os desafios do professor frente ao aluno com TDAH são muitos, entre eles podemos destacar a necessidade de despertar e de manter a atenção do aluno e o interesse pelas aulas; A formação do professor não atende as necessidades das crianças com TDAH surgidas no ambiente das aulas; As estratégias usadas pelos professores em sala de aula para a inclusão dessas crianças são variadas, porém são estratégias postas em prática de forma intuitiva, não são sistematizadas.

Para finalizar, percebe-se com esse trabalho, que a escola em questão não está preparada e nem prepara seus profissionais dando o suporte necessário dentro da sala para que eles consigam um bom desempenho no trabalho com os alunos portadores de TDAH, deixando-os sobrecarregados e sem capacidade de dar o devido suporte que esses alunos merecem para que possam acompanhar da melhor maneira possível a turma.

REFERÊNCIAS

ABDA. Associação Brasileira do Déficit de Atenção. <www.tdah.org.br>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ALMEIDA, Ivana Cristina de Lima; SANTOS, Jéssica Thais. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no processo de desenvolvimento da aprendizagem de crianças. Curitiba: **Educere**, 2013.

BAPTISTA, Mariangela *et al.* Atuação psicopedagógica na relação entre o professor e o aluno com TDAH. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, n.10, p.166-184, 2018.

BONADIO, Rosana A. A.; MORI, Nerli N. R. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico e prática pedagógica.** Maringá: Eduem, 2013.

CONFORTIN, Helena; MAIA, Maria Inete Rocha. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Erechim Perspectiva**. v.39, n.148, p.73-84, 2015.

DIAS, Viviane Borges; SILVA, Luciene Maria da. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: o que revelam os currículos dos cursos de licenciatura? **Revista Práxis Educacional**, Bahia, v.16, n.43, p.406-429, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6822/5236>> Acesso em: 01 jun. 2021

DOMENICO, Marcus. **TDAH Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade: como diagnosticar crianças e adultos.** Salvador: Clube dos Autores, 2019.

FREITAS, Juliana Santos et al. TDAH: Nível de Conhecimento e Intervenção em Escolas do Município de Floresta Azul. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v.3, n.2, a.7, p.175-183, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v3n2/v3n2a07.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Aurenita Barbosa; MAFRA, Luciana Dantas. Inclusão nas escolas públicas: estudo sobre a educação especial na perspectiva da inclusão nas escolas da cidade de Mossoró. **Includere**, v.3, n.1, out., p.17-25, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7372>> Acesso em 01 jun. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola: teoria e prática.** Goiânia: Alternativa, 2001.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Claudia Cibele Silveira. **Os desafios aos professores no ensino dos alunos com TDAH: descobrindo caminhos para o desenvolvimento da leitura e escrita.** Rio Grande do Sul: Unipampa, 2017.

PEREIRA, Juciane Aparecida Andrade. **A inclusão das crianças com TDAH no ambiente escolar**. Brasília: Unb, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2008.

ROZEK, Marlene; VIEGAS, Luciane Torezan; **Educação inclusiva: políticas, pesquisa e formação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

SAMPAIO, Cristiane T.; SAMPAIO, Sônia Maria R. **Educação inclusiva: o professor mediando para a vida**. Bahia: Edufba, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVANO, Vinicius. **A aprendizagem docente: reflexões sobre a formação dos professores**. Joinville: Clube de autores, 2015.

TEIXEIRA, Gustavo. **Desatentos e hiperativos: manual para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.

VIANA, M. R. P.; CABRAL, C. A. de P. O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e sua relação com o rendimento escolar. **Educação & Ensino**, v.1, n.2, jul./dez.2017, p.75-87 2017. Disponível em: < <http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/7>> Acesso em: 21 dez. 2020.

ZANIOLO, Leandro Osni; DALL'ACQUA, Maria Júlia C. **Inclusão escolar: pesquisando políticas, formação de professores e práticas pedagógicas**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

Recebido em: 16/08/2021
Aprovado em: 25/10/2021